

ANDANÇAS PELO CARIRI PARAIBANO: A ARQUEOLOGIA PIONEIRA DE RUTH TRINDADE DE ALMEIDA

Carlos Xavier de Azevedo Netto¹



RESUMO

A região do Cariri Ocidental Paraibano está dentro do semiárido nordestino, sendo que uma das regiões com menor fluxo hídrico do Nordeste. Com muitas referências de ocorrências arqueológica, com principal destaque para os sítios de arte rupestre, a região tem suas pesquisas sistemáticas iniciadas pelo trabalho pioneiro de Ruth Trindade de Almeida na década de 1970. O trabalho, realizado com poucos recursos, possibilitou o conhecimento de uma configuração de unidades classificatórias bem específica que os grafismos rupestres assumiam no espaço, inicialmente chamado de *estilo* e posteriormente de *subtradição* dos Cariris Velhos. Esse registro arqueológico produziu o que se pode chamar de memória cultural dos povos pré-coloniais que ocuparam a região, já que o registro em si indicaria uma série de atos rituais na sua elaboração. Esse é o legado deixado pela obra de Ruth Trindade de Almeida na Arqueologia Paraibana.

Palavras-chave: Arte Rupestre, Cariri Paraibano, Ruth Trindade de Almeida.

ABSTRACT

The region of Western Cariri in the state of Paraíba is located in the Brazilian northeastern semiarid, one of the regions with the lowest water flow in Northeastern Brazil. Systematic research in the region, where there are numerous references to archaeological occurrences, began with the pioneering work of Ruth Trindade de Almeida in the 1970s. The work, carried out with scarce resources, enabled the knowledge of a specific configuration of classifying units of rock art in the region, initially called style and later subtradition of Cariris Velhos (Old Cariris). This archaeological record produced what can be called the cultural memory of the pre-colonial peoples who occupied the region, since the record itself would indicate a series of ritual acts in its elaboration. This is the legacy left by the work of Ruth Trindade de Almeida in Archeology in Paraíba.

Keywords: Rock Art, Cariri Paraibano, Ruth Trindade de Almeida.

ANDANZAS POR CARIRI PARAIBANO: ARQUEOLOGÍA PIONERA POR RUTH TRINDADE DE ALMEIDA

RESUMEN

La región de Cariri Occidental Paraibano se encuentra dentro del noreste semiárido, una de las regiones con el flujo de agua más bajo en el noreste. Con muchas referencias de acontecimientos arqueológicos, con el énfasis principal en los sitios de arte rupestre, esta región tiene su investigación sistemática iniciada por el trabajo pionero de Ruth Trindade de Almeida en la década de 1970. Este trabajo, realizado con recursos limitados, permitió el conocimiento de la configuración de unidades clasificadas muy específicas del arte rupestre se hizo cargo de este espacio, donde inicialmente se llamó el estilo y más tarde la sub-tradición del Cariris Velhos. Todo este registro arqueológico produjo lo que se puede llamar la memoria cultural de los pueblos precoloniales que ocuparon esta región, ya que el registro en sí mismo indicaría una serie de actos rituales en su creación. Este es el legado dejado por el trabajo de Ruth Trindade de Almeida en Arqueología de Paraíba.

Palabras clave: Arte Rupestre, Cariri Paraibano, Ruth Trindade de Almeida.

¹ Arqueólogo. Doutor em Ciência da Informação (ECO/UFRJ). Docente dos Programas de Pós-graduação em Antropologia e Ciência da Informação da UFPB. E-mail: xaviernetto@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Segundo levantamentos acerca da história da pesquisa arqueológica no Brasil (Prous, 2019), haveria cinco grandes períodos que culminariam com as pesquisas do século XX: 1) os cronistas e curiosos, 2) o início da arqueologia brasileira, 3) um período intermediário, 4) um período formativo, e 5) a consolidação da pesquisa. A etapa dos cronistas e curiosos se estende desde a descoberta do Brasil até a segunda metade do século XIX. O período que corresponde ao início da arqueologia brasileira, compreende os anos de 1870 a 1914, importando diretamente os modelos evolucionistas da Europa. O período intermediário, de 1915 a 1950, engloba as abordagens que vinculavam as identidades de “raças” específicas aos estilos que apresentavam, na sua cultura material, influência do evolucionismo, agregando modelos de origem europeia e estadunidense. A etapa formativa das pesquisas, de 1950 a 1965, é marcada pela chegada ao Brasil dos primeiros estudiosos com formação específica em Arqueologia: Joseph Emperaire, Annete Laming, Clifford Evans e Betty J. Meggers, e pela formação do Programa Nacional de Pesquisa Arqueológicas - PORNAPA. O período da consolidação das pesquisas, entre 1965 e 1980, promove uma maior integração entre as instituições de pesquisa, com grandes projetos de campo e a elaboração de quadros cronológicos dos diferentes períodos de ocupação no território brasileiro.

Na atualidade, uma outra configuração da Arqueologia Brasileira é construída, com duas vertentes importantes, a crítica aos pioneiros e a institucionalização da disciplina que, de acordo com Prous (2019), ocorreu entre 1984 e 2012. Essa fase é inaugurada pelo primeiro curso de graduação em arqueologia e a expansão do ensino de pós-graduação da disciplina, de forma agregada com outras áreas, ou de forma autônoma. Naquele momento são estabelecidas as críticas aos modelos vigentes da prática arqueológica (francês e norte-americano), através de uma atualização dos aportes teóricos e metodológicos que ocorriam no mundo, promovendo uma reaproximação com a Antropologia, entre outros desdobramentos. Além dessa institucionalização acadêmica houve o reconhecimento empresarial, e o patrimônio arqueológico passou a ser incorporado aos processos de licenciamento ambiental, gerando a explosão dos cursos de graduação na área para atender às demandas de mercados de trabalho.

A pesquisa arqueológica no nordeste brasileiro tem modificado em muito o panorama da arqueologia nas Américas, principalmente com as pesquisas no Parque Nacional da Serra da Capivara, PI. Pode-se considerar que os achados arqueológicos têm despertado interesse de registro e pesquisas em datas recuadas da história brasileira, como bem aponta Martin (1997), destacando-se o trabalho de Dantas (1993), que registra uma séria de sítios de arte rupestre no início do século XX. Na arqueologia brasileira a arte rupestre tem sido considerada elemento de grande destaque entre os vestígios arqueológicos e, no caso do Estado da Paraíba, ganha uma visibilidade maior em função do volume de achados encontrados, com destaque para a Pedra do Ingá, onde:

Figurações rupestres foram mencionadas desde o final do século XVI no Brasil, quando no governador da Paraíba, Feliciano de Carvalho, encontro em 1598, no rio Araçáí gravuras rupestres cuja localização exata foi verificada recentemente por R. T. de Almeida. (Prous, 2019, p. 751).



Vista geral do painel principal da Pedra do Ingá – Localizado no Município de Ingá – Fonte: acervo do LAB/NDIHR².



Destaque do painel principal da Pedra Ingá – Fonte: acervo do LAB/NDIHR/UFPB.

Em todo o seu desenvolvimento, a Arqueologia praticada no Estado da Paraíba esteve a cargo de um grupo de curiosos e aficionados, que identificavam e difundiam os achados arqueológicos em território paraibano. Na década de 1970, chega à Universidade Federal da Paraíba a pioneira dos estudos arqueológicos em terras paraibanas. Ruth Trindade de Almeida, geógrafa e historiadora com formação em Arqueologia na França, realiza pesquisas de campo para estudar os registros arqueológicos encontrados em terras paraibanas. Cabe salientar que, à época, a pesquisa arqueológica no Nordeste tinha como maiores produtores de conhecimento as arqueólogas Niede Guidon³, dirigente da Missão Franco-Brasileira para o Piauí, Alice Aguiar e Gabriela Martin⁴, na Universidade

² Laboratório de Arqueologia Brasileira - LAB do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional - NDIHR da UFPB

³ Guidon e Martin foram as proponentes e instauradoras do primeiro curso de graduação em Arqueologia em uma instituição federal de ensino superior, a Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVAS), em 2004.

⁴ Martin foi a promotora de uma área de concentração na pós-graduação em História, que se transforma depois em programa autônomo, em 2002 e cria a graduação, na UFPE, em 2008.

Federal de Pernambuco - UFPE, e Maria da Conceição Soares Meneses Lage, da Universidade Federal do Piauí – UFPI⁵.

PREÂMBULO

Nascida no Rio de Janeiro, Ruth Trindade de Almeida formou-se em Geografia e História na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro e, em função do casamento com o matemático Átila Augusto Freitas de Almeida, de uma tradicional família paraibana, vai para a cidade histórica de Areia, de onde saiu com a viuvez. Foi oportunizado a ela um curso de Arqueologia no Centro Aeroespacial de Toulouse, na França, onde teve o primeiro contato com os vestígios arqueológicos. Apesar das dificuldades da língua, passou dois meses entre variados tipos de vestígios arqueológicos.

Ao retornar ao Brasil como professora da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Ruth Trindade de Almeida encarregou-se das pesquisas arqueológicas no Estado da Paraíba, principalmente depois do conhecimento que teve do Lajedo Tamburil, no Município de Serra Branca, no Cariri paraibano. A partir daí, com a disponibilização da UFPB de um veículo, motorista e combustível, passou dois anos percorrendo a região para localização registro dos sítios arqueológicos existentes.



Vista geral do Lajedo Tamburil – Localizado no Município de Serra Branca – Fonte: acervo do LAB/NDIHR/UFPB.



Detalhe de um dos grafismos do sítio – Fonte: acervo do LAB/NDIHR/UFPB.

Nesse processo de pesquisa, Ruth T. de Almeida se aproxima do maior centro de pesquisa arqueológica das proximidades, na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, em seu programa de pós-graduação em História - PPGH, com concentração em Arqueologia. Assim, estabelece contato com Maria Gabriela Martin Ávila, docente do Programa de Pós- Graduação em História da UFPE, na época, e Niede Guidon, pesquisadora do CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*). Gabriela Martin, à época, tinha suas pesquisas centradas na região do Seridó, compreendida entre os

⁵ Lage, em 2008, propõe e instala uma graduação em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre na UFPI.

estados do Rio Grande do Norte, na maior parte, e da Paraíba, fazendo limite com a região do Cariri paraibano. Com Guidon, cujas pesquisas são até hoje centradas no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Estado do Piauí, tem sua aproximação com abordagens metodológicas e teóricas rigorosas e os prenúncios da revolução que promoveria na teoria da chegada do humano nas Américas.

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE RUTH TRINDADE DE ALMEIDA

O modelo teórico que fundamenta a atuação de Ruth Trindade de Almeida está embasado no que foi desenvolvido por Niede Guidon e Gabriela Martin, buscando estruturar categorias analíticas das manifestações rupestres que ocorriam nas suas regiões de pesquisa de modo que houvesse a possibilidade e proximidade nos diálogos entre os vários resultados de pesquisa. Utilizou-se do modelo classificatório desenvolvido pelo PRONAPA e nos conceitos de tradição e sub-tradição, entre outros (Azevedo Netto, 2013), adotados inicialmente para classificação das evidências cerâmicas. Cabe ressaltar que Valentin Calderón (1970) foi o primeiro a aplicar o referido modelo no estudo da arte rupestre, considerando a Tradição como a unidade mais abrangente e a fase a unidade mais específica.

Por uma questão de metodologia, denominaremos doravante ‘tradição’ ao conjunto de características que se refletem em diferenças sítios ou regiões, associados de maneira similar, atribuindo cada uma delas ao complexo cultural de grupos étnicos diferentes que as transmitiam e difundiam, gradualmente modificadas, através do tempo e do espaço. (Calderon, 1970, p. 13).

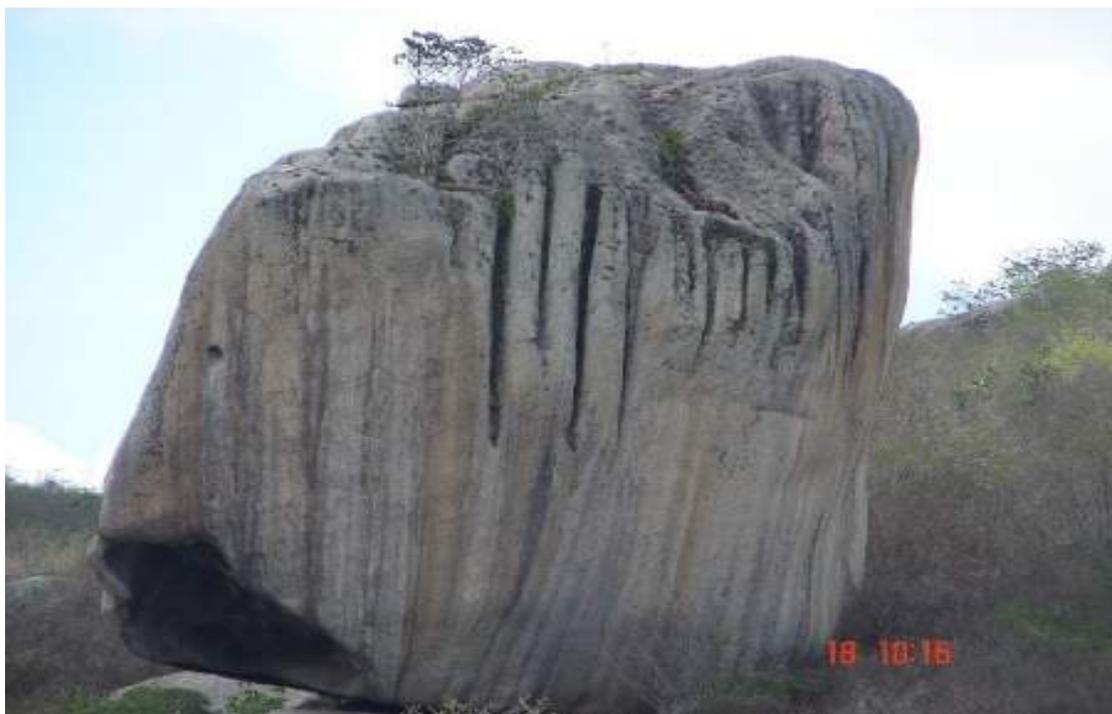
Como esse modelo foi desenvolvido para atender às peculiaridades das evidências cerâmicas, as pesquisadoras que integravam o Grupo de Estudos da arte rupestre⁶ optam pela adoção de outro conceito para a classificação hierárquica das evidências rupestres, mantendo os termos Tradição, em que a grande distribuição espacial é primordial, Sub-tradição e incorporando o conceito de Estilo, que sofrerá posteriores modificações em sua aplicabilidade. Segundo Aguiar:

O termo tradição é aceito como definidor da temática das pinturas, porém numa tradição onde a temática principal seja cenas de caça, dança e luta, haverá que explicar a forma como esses temas foram interpretados, porque caça, dança e luta são temas universais da arte rupestre mundial por serem representações da vida cotidiana dos povos primitivos. Consequentemente, a tradição é definida pela temática e pelas formas como esta temática é interpretada, tais como movimento ou estatismo, figuras grandes ou pequenas, monocromas ou policromas, etc. (Aguiar, 1982, p. 93).

⁶ Neste grupo houve intensa discussão quando ao uso do termo “arte rupestre”, achando-o de menor poder de representar o fenômeno dentro de uma perspectiva científica, preferindo adotar o termo grafismo rupestre.

O termo sub-tradição, por sua vez, teria sido “introduzido para definir o grupo desvinculado de uma tradição e adaptado a um meio geográfico e ecológico diferente, que implica na presença de elementos novos.” (Martin, 1994, p. 297).

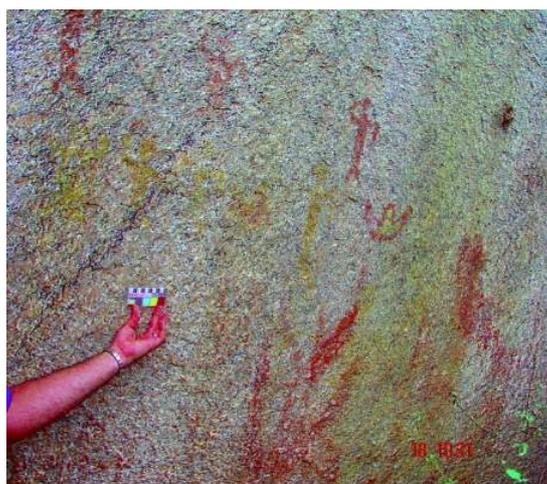
Atendendo a uma concepção estética e segundo norma tradicional da História da Arte, onde um mesmo tema pode ser interpretado com estilos diferentes, o conceito de Estilo substituiria o conceito de fase como uma especificidade da arte rupestre: “O termo **estilo** aplicado ao estudo da arte rupestre, corresponderia à técnica utilizada na realização dos grafismos”. (Aguiar, 1982, p. 93-94)



Vista Geral do sítio Castanho, no Município de Queimadas – Fonte: acervo do LAB/NDIHR/UFPB



Detalhe de painel do sítio Castanho – Fonte: acervo do LAB/NDIHR/UFPB.



Detalhe do mesmo painel com tratamento do D'Stretch – Fonte: acervo do Fonte acervo do LAB/NDIHR/UFPB.

Como resultado dessa fundamentação teórica, a partir da década de 1970, as pesquisas sobre os grafismos rupestres existentes no Nordeste estavam circunscritas a três regiões específicas. A

primeira área, que se mantém até hoje como fonte de dados precisos para entender as ocupações pré-coloniais das Américas, que é a Serra da Capivara no Piauí, sob a responsabilidades das professoras Niede Guidon e Anne-Marie Pessis. A segunda área de destaque é a do Seridó, região limítrofe entre os estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, sendo que a maioria das pesquisas se concentraram nesse segundo estado, sob a responsabilidade de Gabriela Martin. Por último, o Vale do Catimbau, no Estado de Pernambuco, onde foi verificada a expansão de uma configuração específica de arte rupestre, chamada de Tradição Nordeste, e onde vários pesquisadores do Estado de Pernambuco ainda realizam pesquisas. Nessa circunstância teórica e metodológica é que Ruth Trindade de Almeida encontra subsídios para a sistematização e objetividade do seu trabalho no Cariri paraibano.



Exemplos de paisagens no semiárido do Cariri Paraibano – Fonte: acervo do LAB/NDIHR/UFPB.

AS PESQUISAS DE RUTH TRINDADE DE ALMEIDA

As pesquisas no Estado da Paraíba ganham contornos de cuidados acadêmicos com as pesquisas desenvolvidas por Ruth Trindade de Almeida, que culminaram na sistematização apresentada no livro “*A arte rupestre nos Cariris Velhos*” publicado pela UFPB em 1979, que traz um levantamento e relato sobre os sítios arqueológicos que apresentam registros rupestres na região do Cariri paraibano, principalmente aqueles localizados nas redondezas da serra denominada Cariris Velhos. Dada a época em que foi realizado, o trabalho de campo e os estudos realizados pela pesquisadora na região têm caráter pioneiro. A descrição minuciosa e o cadastramento dos sítios visitados à época da pesquisa representaram uma expressiva contribuição para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, sendo a única obra a sistematizar os dados sobre os sítios arqueológicos com vestígios rupestres no Estado da Paraíba. Os levantamentos possibilitam uma visão geral da importância dos modos de seleção dos ambientes, com relação à existência do registro rupestre na região, documentando as localizações de alguns sítios, suas formas e a tipologia de sinais encontrados. De acordo com a pesquisadora:

No que se refere às atividades de campo, temos a dizer que quase todos os sítios foram visitados apenas uma vez, sendo as gravuras ou pinturas copiadas e fotografadas, o que é suficiente para o cadastramento, mas insuficiente para estudo mais detalhado. Nessa fase preliminar do trabalho anotamos tudo que nos foi dado observar sem preocupação com

juízo de valor. Partindo do princípio de que todos os sítios são igualmente importantes, aplicamos a todos eles a mesma técnica de trabalho, pois não teria sentido qualquer seleção de material, aprioristicamente. Assim, o presente trabalho será pouco mais que um relatório, no qual apresentamos um quadro do que vimos no campo. Será o início de uma longa história a ser concluída por outros. Equivale dizer que ainda não há condições para afirmar em que época essas pedras foram desenhadas ou gravadas, ou que hipóteses podem ser formuladas para explicar o emaranhado de símbolos deixados na pedra pelos habitantes que nos antecederam na região (Almeida, 1979, p. 14-15).

Desde o título de seu trabalho, Almeida faz referência aos registros rupestres, denominados, à época, de “arte rupestre”, conceito bastante polêmico e muito discutido por teóricos da área. A utilização de vários termos para sua significação traz à tona uma busca de marco de maior cientificidade à época. Por esse motivo, o trabalho é consagrado por estudiosos da arqueologia, embora muitos ainda não o assimilem.

[...] Ora, em outras culturas, as obras de apelo estético raramente deixam de possuir um valor principalmente utilitário. Por não o conhecer é que consideramos uma escultura encontrada em um sambaqui, vista numa catedral gótica, ou uma máscara africana apenas como ‘obra de arte’ e não como instrumento de culto ou um meio de propagação de uma ideologia. Logo, devemos considerar a palavra “arte” aplicada a produtos de populações desaparecidas como uma simples aproximação. É bom lembrar inclusive que ‘arte’ e “artista” tem a mesma raiz latina (*ars-artis*) que ‘artesão’; arte é *savoir faire*, o conhecimento das regras que permitem realizar uma obra perfeitamente adequada a sua finalidade e demonstra domínio da matéria pelo autor. Esquecer esse ponto levaria a não entender os grafismos indígenas quando não são bonitos [...] Ora, seus autores, em muitos casos, não procuravam de modo algum provocar um sentimento estético [...] (Prous, 2019, p. 720).

Em sua abordagem ao trabalho de Almeida, Aguiar afirma que a pesquisadora:

[...] concentrou seu trabalho na região geográfica denominada “Cariris da Paraíba”. Dos 49 sítios por ela estudados, 34 são de pinturas, 13 são de gravuras e 2 apresentam as duas manifestações associadas no mesmo painel. Em sua grande maioria os desenhos são abstratos, sendo o objeto representado de forma esquemática ou simplificada. Em menor número de sítios a arte naturalista ou figurativa, também aparece. (Aguiar, 1982, p. 92)

Ainda segundo Aguiar, Ruth Almeida “limitou-se a fazer uma descrição do sítio e, sucintamente, do tipo de pintura ou gravura localizado, sem determinar para seus achados a tradição a que poderiam pertencer” (AGUIAR, 1982, p.93). A vinculação dos sítios estudados como vinculados à tradição “Agreste” foi determinada apenas em pesquisas posteriores.

O levantamento dos sítios arqueológicos inventariados por Almeida revela que, em sua maioria, trata-se de sítios de pintura, como pode ser visto no quadro abaixo:

MUNICÍPIO	SÍTIO	TÉCNICA-GRAFISMO
AROEIRAS	Papagaio	Pintura
	Pedras Altas	Pintura
	Uruçu	Pintura
BARRA DE SÃO MIGUEL	Pedra Pintada	Pintura
BOA VISTA	Fazenda Aldeia	Pintura / Gravação
	Sítio Bravo	Pintura / Gravação
BOQUEIRÃO	Altar	Pintura
	S/N (Santo Antônio)	Pintura
	S/N (Caturité)	Pintura
CABACEIRAS	Caíças	Pintura
	Lajedo Pai Mateus	Pintura
CONGO	Caíças	Pintura
	Serra Engabelada	Pintura
FAGUNDES	Catuama	Pintura
	Laranjeiras	Pintura
GURJÃO	Pedra Grande	Pintura
	Caifaz	Gravação
	Catinga	Gravação
LAGOA SECA	Amaragi	Gravação
OLIVEDOS	Fazenda São Braz	Pintura / Gravação
QUEIMADAS	Sítio Bodopitá	Pintura
	Sítio Castanho	Pintura
	Cinco Cruzes	Pintura
	Gravatá	Pintura
	Pedra Comprida	Pintura
	Pedra do Touro	Pintura
SÃO JOÃO DO CARIRI	Muralha do Meio do Mundo (Picoito)	Pintura
	Mares I	Gravação
	Mares II	Pintura
	Formigueiro	Pintura
SÃO JOSÉ DOS CORDEIROS	Fazenda Tapera	Pintura
	Algodão	Pintura
	Cachoeira	Gravação
	Novo (Mororó)	
SERRA BRANCA	Areias	Pintura
	Capoeira	Pintura
	Cauçu	Pintura
	Conceição	Pintura
	Macambira	Pintura
	Pé de Serra	Pintura
	Capoeira	Gravação
	Lajedo Jatobá	Gravação
	Fazenda Poção	Gravação
	Fazenda do Saco	Gravação
	Lajedo Tamburil	Gravação
Poção 2	Pintura	
SUMÉ	Balanço	Pintura
	Fazenda Pedra Comprida	Pintura
	Olho D' Água de Padre	Gravação

Fonte: Almeida (1979).

Cabe observar que os sítios localizados e estudados por Almeida (1979) em seu trabalho pioneiro abrangem um total de 15 município da região do Cariri Paraibano. Em função das dificuldades tecnológicas⁷ e de financiamento, sua localização não apresenta coordenadas UTM⁸ ou geográficas, e em sua publicação, o mapa e localização dos sítios não se encontram geo-referenciados, ficando difícil sua utilização.

Para Pessis (2003), o esforço físico necessário para a realização das pinturas é menor do que o exigido para a produção das gravuras, de forma que existem limitações impostas pelo próprio suporte e pelas técnicas utilizáveis.

De acordo com as discussões vigentes, a expressão ‘arte’ estaria ligada à interpretação do apreciador, numa visão subjetivista, não podendo ser concebida dentro dos limites de busca da verdade científica. Cabe ressaltar aqui uma abordagem aos grafismos rupestres, enquanto que parte da prevalência da forma, que estariam vinculados a certos setores de uma sociedade (Bourdieu, 1989), o que não considera o que foi exposto por Cassirer (1977), que caracteriza o humano como um animal simbólico, que coloca essa “estética” como inerente aos fazeres humanos. A arte seria um produto histórico cultural, legitimada pela sociedade que a produziu, que detém as suas possibilidades de significação, bem como em outras situações histórico-culturais, pode acarretar outras significações. Atendendo à inserção histórico-cultural, as representações rupestres estariam manifestas por uma esfera estética cujo poder representacional depende da lógica simbólica de seu espectador, sincrônico ou diacrônico. É o que Martín discute quanto às polêmicas entre arqueólogos e historiadores da arte, no que diz respeito à discussão do termo ‘arte’, dado aos registros rupestres. Segundo a autora, eles “procuram respostas diferentes às mensagens que as pinturas e gravuras rupestres proporcionam” (Martín, 2003, p. 237).

É importante ressaltar que os modernos estudos sobre os registros rupestres se apropriam de conceitos e teorias da antropologia, da psicologia cognitiva e da semiótica, principalmente na “Teoria Semiótica de Pierce”, baseada no tripé signo objeto, veículo e interpretante, que procura discutir os conceitos de signo, sinal e informação, e a relação existente entre eles, compreendendo que esses signos configuram um sistema de informação passível de ser entendido pelos arranjos formais, associativos, seletivos e ambientais que apresentam (AZEVEDO NETTO, 2013). Através dessas discussões, se procura estabelecer o vínculo entre as sociedades pretéritas passando a abordar formas de representação que o homem faz do seu universo, sua concepção de mundo, baseadas nos vestígios materiais deixados por esses povos.

⁷ No que se refere às dificuldades tecnológicas, vale lembrar que a época os processos de estabelecer as coordenadas espaciais dos sítios dependiam de teodolitos e outros equipamentos de alto preço e preparação para seu uso. Não havia ainda os aparelhos de GPS

⁸ Sistema Universal Transversa de Mercator – Método de estabelecimento de coordenadas geográficas em um sistema bidimensional.

O fato de Almeida (1979) se referir aos registros como elementos de “arte rupestre” não diminui a importância, ineditismo e caráter pioneiro de sua obra pelo fato dela estar ligada a uma área na região do atual Cariri paraibano, em um momento histórico - década de 1970 – marcado por resistências ao trabalho feminino. Em seu percurso de pesquisa, a autora demonstra a tentativa de estabelecer um banco de dados, que venha a sistematizar um levantamento preliminar da região e que, posteriormente, seria complementado por outras pesquisas de mesma natureza. Esse banco de dados permitiu a atuação de outros pesquisadores no semiárido paraibano. Seu principal produto, que se torna um livro, foi a delimitação de um estilo de arte rupestre dentro de uma unidade mais ampla, chamada de Tradição Agreste.

AS PESQUISAS NO CARIRI PARAIBANO

Atendendo aos princípios teórico e metodológicos do segmento de estudos acerca dos grafismos rupestre no Nordeste, Ruth Trindade de Almeida realiza um extenso levantamento dos sítios arqueológicos da região. Em função da tipologia dos grafismos identificados, os associa aos atributos ligados à unidade classificatória da Tradição Agreste. Essa tradição pode ser entendida como o conjunto de grafismos de grande porte, com predomínio de figuras isoladas, mas com algumas associações de poucos elementos. Os principais grafismos desta tradição são antropomorfos e zoomorfos, podendo ser acompanhados dos chamados “grafismos puros”⁹. A cor encontrada é o vermelho, em suas várias tonalidades, e com texturas de tintas diferenciadas para diferente momento de execução (Azevedo Netto; Oliveira; Rosa, 2007).

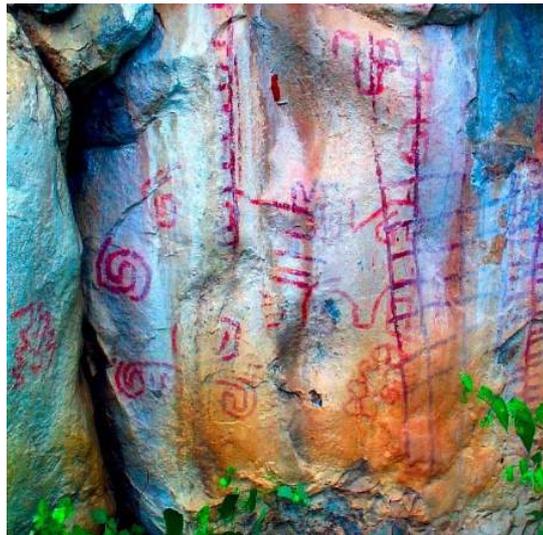


⁹ Os *grafismos puros* são aquelas figuras em que não é possível um reconhecimento imediato, como por exemplo as formas geométricas

Vista geral do sítio Muralha do Meio do Mundo, também conhecido como Picoito – Município de São João do Cariri – Fonte: acervo do LAB/NDIHR/UFPB.



Exemplos de grafismos puros do sítio Muralha do Meio do Mundo – Fonte: acervo do LAB/NDIHR/UFPB.



Mesma foto tratada com D'Strecht – Fonte: acervo do LAB/NDIHR/UFPB.

Essa tradição está dispersa por todo o Nordeste, ocupando ambiente do agreste e do semiárido com uma datação de 9.000 anos A.P¹⁰., em sítios do Parque Nacional da Serra da Capivara, PI. Composta de outras subunidades. Assim, essa unidade classificatória é considerada:

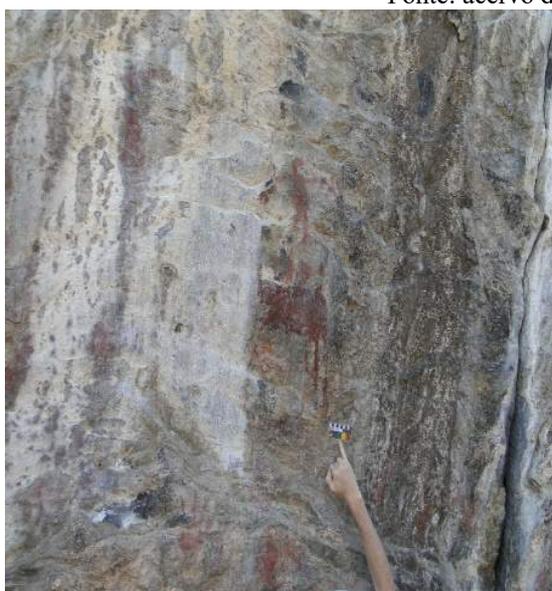
O tratamento das figuras é limitado e de má elaboração, não permitindo, na maioria das vezes, nem mesmo a identificação das espécies animais representados. As figuras são, geralmente, maiores do que as da Tradição Nordeste, chamando de imediato a atenção do visitante pelas dimensões da mancha pictural. Existe uma escolha clara de não representar o movimento e, assim, todas as figuras são manifestadamente estáticas. Os grafismos não reconhecíveis que aparecem, coexistindo com as figuras da Tradição Agreste, são numerosas e apresentam grande variedade morfológica (PESSIS, 2003, p. 86).

Para o Cariri Paraibano, Ruth T. de Almeida delimita um estilo próprio que configuraria uma região específica da manifestação deste tipo de evidência. Em função de sua pesquisa estar vinculada principalmente à região da Serra dos Cariris Velhos, ela vai denominar o estilo como Cariris Velhos. Segundo Aguiar (1982), os elementos principais do estilo Cariris Velhos são a predominância de grafismos de composição, sem formar cenas, com maior número de zoomorfos que antropomorfos, apresentando poucas representações de sexo, marcas de mão em positivo, sempre na parte superior dos painéis, acesso as pinturas relativamente fácil e pinturas sobre matacões de granito.

¹⁰ Antes do Presente – referência de antiguidade que tem por base a descoberta da datação por C₁₄, 1950.



Vista geral do sítio Roça Nova (não pesquisado por Ruth Trindade de Almeida) – Município de Camalaú –
 Fonte: acervo do LAB/NDIHR/UFPB.



Exemplo de grafismos da Tradição Agreste, sítio
 Roça Nova – Fonte: acervo do
 LAB/NDIHR/UFPB.



Mesma foto com tratamento do D'Strech – Fonte:
 acervo do LAB/NDIHR/UFPB.

O trabalho de Almeida define uma unidade estilística para a região do Cariri Paraibano, o estilo “Cariris Velhos”, filiado à Tradição Agreste. Em função das peculiaridades regionais que assume, como já foi dito, esse estilo é alçado à categoria de subtradição: “os sítios da subtradição Cariris- Velhos, que apresentam indícios de ocupação, formam estruturas bem definidas que consideramos como o “habitat” típico dos caçadores dessa subtradição rupestre” (MARTÍN, 1997, p. 281). Desta forma, ela caracteriza a territorialidade da subtradição Cariris Velhos como os sítios rupestres da tradição Agreste que se estendem numa ampla área ao sul da Paraíba e ao Nordeste de

Pernambuco, ou seja, 36° - 37° de longitude, limitados pelos municípios de Campina Grande ao norte e Arcoverde ao sul. Os sítios incluídos nessa unidade classificatória:

São conjuntos formados por abrigos com pinturas rupestres, permanente ou temporariamente ocupados como acampamento ou habitação, com um cemitério nas proximidades, e sempre perto de fonte de água, tais como caldeirões, olhos d'água ou pequenos riachos, ou seja, sítios com pinturas, cemitério e água, em pé de serra, que são os elementos que caracterizam basicamente os sítios arqueológicos da subtradição Cariris Velhos na Paraíba e em Pernambuco (Martin, 1997; 281).

Algumas considerações de Almeida em relação aos resultados de sua pesquisa estão voltadas à inexistência de explicações sobre os motivos geométricos encontrados na região do antigo estilo, e hoje categorizado como subtradição, *Cariris Velhos*. O primeiro deles diz respeito à segurança quanto à filiação desses sítios à tradição Agreste, já que motivos geométricos não são atributos exclusivos dessa tradição, sem mencionar o problema das cronologias para o Estado da Paraíba, que apresenta datas entre 1830±30, para o sítio cemitério no Município de São João do Cariri, e 1280±30, para o sítio cemitério no Município de Camalaú. Deve ser ressaltado que essas datas são posteriores à pesquisa da Professora Ruth. Agregado a esse problema pode-se apontar o pequeno volume de estudos acerca dessa tradição, anteriores e posteriores à pesquisa de Almeida, em especial no Cariri paraibano, o que pode fragilizar a filiação desses sítios a essas unidades classificatórias (Azevedo Netto, Oliveira; Duarte, 2010).

Além disso, Almeida (1979) começa a traçar um esboço do que seriam esses grafismos, para um entendimento do aspecto intencional de seus produtores. Além dos grafismos em si, a pesquisadora começa a levar em conta os tipos e formas de ocupação dos suportes, o que permite inferir inter-relações entre a estética dos sinais aplicados sobre os suportes (pintados ou gravados) e as técnicas de aplicação, a natureza e a inserção ambiental dos suportes. Com isso, começa a dar subsídios para o entendimento dessas representações rupestres, enquanto atos socialmente elaborados, como um registro de memória cultural (Assmann, 2008) dessas populações.

CONSIDERAÇÕES

Notícia a respeito da Arqueologia, no atual Estado da Paraíba, remontam aos fins do século XVI, feitas por Feliciano Coelho Carvalho, em uma publicação, indicando a presença de grafismo sobre rochas (Santos, 2012). Outros registros acerca da presença da arte rupestre em território paraibano foram obtidos por diversos autores de diferentes nacionalidades, desde o século XVII, com ênfase em relatos do século XIX (Santos, 2012), destacando-se os registros de Jofflily, em 1892, e Landislau Neto, então diretor do Museu Nacional no Rio de Janeiro. No século XX, entre outros autores, temos o trabalho de Pereira Junior, em 1943, que faz menção e algumas generalizações acerca da arte rupestre no território paraibano (Fernandes, 2012), entre outros que mereceriam um estudo

específico sobre o desenvolvimento dos estudos rupestres nos diferentes nichos que compõem essa unidade da federação. O que há em comum entre esses autores, além da historicidade de abordagens, é o aspecto pontual de local de suas observações e interpretações.

Durante longo tempo, a arqueologia foi eminentemente produzida por pesquisadores masculinos, já que não era concebível à época de Ruth Trindade de Almeida, que uma mulher se “embrenhasse” nas caatingas nordestinas sem a presença de um homem, como é demonstrado no artigo escrito por Medeiros (2018). Na atualidade, essa situação se inverte, e um levantamento bibliográfico comprova a presença feminina preponderante na Arqueologia praticada na região.

Na década de 1970 tem início as pesquisas de Ruth Trindade de Almeida em uma região com várias notícias de ocorrências arqueológicas, mas sem nenhum levantamento e registro mais rigoroso. Seu pioneirismo é marcado pelo desbravamento que realizou, como ela própria informa, com seu fusca rodando pelo Cariri Ocidental paraibano (MEDEIROS, 2018). Conforme nos conta Medeiros (2018).

Em 1972, a geógrafa, historiadora, antropóloga e arqueóloga Ruth Trindade de Almeida dirigia seu fusquinha entre São João do Cariri e Campina Grande, na Paraíba, quando tentou passar pelo leito de um rio seco. O fusca atolou. Ela ficou ali, desolada, olhando o carro inútil, quando passaram dois homens. Eles examinaram a situação, e um lhe disse: “A senhora entende que certos trabalhos só os homens fazem, não? A senhora é feminista?”

Hoje com 82 anos, Ruth diverte-se lembrando da história. “Era engraçado que, ali naquele fim de mundo, um sertanejo soubesse que o debate que se travava naquele momento girava em torno do feminismo, não?”, pergunta. “Mas eu resolvi não os contrariar. Colocaram tábuas embaixo das rodas do Fusca e o tiraram da areia.”

Naquele exato momento, Ruth vinha, com seu Fusquinha, de um dos mais de cem sítios arqueológicos que percorreu para lançar, em 1979, uma obra fundamental da pesquisa histórica no Brasil: *A Arte Rupestre nos Cariris Velhos*, editada originalmente pela Universidade Federal da Paraíba e hoje fora de catálogo, ausente das livrarias e até dos sebos virtuais. Nenhum pesquisador da arte parietal, a arte dos vestígios do homem do passado na América, pode ir adiante sem passar pelo livro de Ruth. (Medeiros, 2018, S/P).

Essa coragem promove o conhecimento de uma região arqueológica que, além de identificar um estilo próprio de arte rupestre, o Cariris Velhos, se transforma em subtradição devido às peculiaridades regionais que apresenta, fornecendo subsídios para a crítica ao modelo vigente de classificação da arte rupestre no Nordeste brasileiro. Além disso, quando se observa o volume e cuidado com que os dados foram coletados e o que a própria pesquisadora diz sobre eles, é possível observar que esses sítios exemplos de uma conjunção de atos ritualísticos que se fixam em um suporte rochoso, por pigmentos ou por gravações, configurando um marco de memória cultural (Assmann, 2008) das populações que ocuparam o Cariri Paraibano, o que representa um grande avanço para a pesquisa arqueológica em sua época e na atualidade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Alice. Tradições e Estilos na Arte Rupestre do Nordeste brasileiro. *CLIO - Revista do Curso de Mestrado em História*, Recife, UFPE, n. 5, 1982, p. 91-104.
- ALMEIDA, Ruth Trindade de. *A arte rupestre nos Cariris Velhos*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1979.
- ASSMANN, Jan. *Religión y Memoria Cultural – Diez estudios*. Buenos Aires: Limod Libros de La Araucaria, 2008.
- AZEVEDO NETTO, C. X.; OLIVEIRA, A. M. P.; ROSA, C. R. Territorialidade e Arte Rupestre - Inferências iniciais acerca da distribuição espacial dos sítios de arte rupestre na região do Cariri paraibano. *Revista de Arqueologia*, v. 20, p.51-65, 2007.
- AZEVEDO NETTO, C. X.; DUARTE, P.; OLIVEIRA, A. M. P. A Presença da Tradição Nordeste na região do Cariri Ocidental: Questões classificatórias. *Fundamentos*, v. 9, p.43-65, 2010.
- AZEVEDO NETTO, C. X. *A Representação e Interpretação de um Antigo Sistema de Informação: Os grafismos rupestres no Brasil*. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.
- BORDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: /Bertrand Brasil, 1989
- CALDERON, Valentin. Nota prévia sobre três fases da Arte Rupestre no Estado da Bahia. *Universitas - Revista de Cultura da UFBA*, Salvador, n. 5, p. 5-17, 1971.
- DANTAS, José de Azevedo. *Indícios de uma civilização antiquíssima*. João Pessoa: União, 1993.
- FERNANDES, Almir de A. A arte rupestre na Paraíba: Um estudo sobre o sítio arqueológico da localidade Algodões, no município de Condado. *Revista Brasileira de Filosofia e História*, v. 1, n. 1, p.6-10, 2012.
- MARTIN, Gabriela, *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 2. ed. Recife: Universitária/UFPE, 1997.
- MARTIN, Gabriela. Registro rupestre e registro arqueológico do nordeste do Brasil. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 8, *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v. 8, n. 1, 1994. p. 291-302.
- MEDEIROS, Jotabê. A senhora entende que certos trabalhos só os homens fazem, não? *Carta Capital*, 28 dez. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/a-senhora-entende-que-certos-trabalhos-so-os-homens-fazem-nao/> Acesso em: 20 nov. 2020.
- PESSIS, Anne-Marie. *Imagens da Pré-História: Parque Nacional Serra da Capivara. FUNDHAM/PETROBRÁS*, 2003.
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira: A pré-história e os verdadeiros colonizadores*. Cuiabá: Archeo/Carlini & Caniato Editorial, 2019.
- SANTOS, José O. Arqueologia na Paraíba. *Revista Tudo*, Campina Grande, Diário da Borborema, 1990.